

CF (FN) Alexandre Arthur Cavalcanti **Simioni**
ale.sim@outlook.com

A relação simbiótica entre mídia, terrorismo e grandes eventos esportivos: a organização terrorista Estado Islâmico (EI/ISIS/ISIL) e os Jogos Olímpicos de 2016



O CF (FN) Alexandre Arthur Cavalcanti **Simioni** serve atualmente no Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador (BFNIG), como Imediato. É oriundo de Escola Naval, cursou o Curso de Estado-Maior para Oficiais Intermediários (C-EMOI) da Escola de Guerra Naval e o Estágio de Preparação para Observador Militar e Oficial de Estado-Maior das Nações Unidas, já tendo servido no Batalhão de Comando e Controle, como Oficial de Operações e Comandante da Companhia de Comunicações; no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), como Encarregado da Escola de Comunicações e Eletrônica e Chefe da Divisão de Trabalhos Acadêmicos do Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais; na Missão das Nações Unidas no Sudão (UNMIS), como Observador Militar; e na Organização das Nações Unidas, como Oficial de Treinamento Militar. Possui, também, os seguintes cursos: Mestrado em História Comparada, com ênfase em Relações Internacionais, Segurança e Defesa Nacional - Consórcio Pró-Defesa (MD, EGN, UFRI, PUC), realizado em 2007-2008; *Certificate in Terrorism Studies*, pela *University of St Andrews*, realizado em 2011-1012; e *Leadership and Decision Making*, pela *Harvard University*, realizado em 2015. Além disso, recentemente, foi condecorado com a Medalha-Prêmio da Revista Marítima Brasileira.

“O sucesso da operação terrorista depende quase que exclusivamente da quantidade de publicidade que recebe.”
(Walter Laqueur)

Introdução

O presente artigo¹ tem o propósito de apresentar algumas considerações sobre a relação entre a mídia de massa², o terrorismo e os grandes eventos esportivos, particularmente durante os Jogos Olímpicos a serem realizados no Brasil em 2016, aprofundando algumas questões que, em tese, poderiam colocar o país sob a ameaça de terrorismo pela organização terrorista fundamentalista sunita Estado Islâmico (EI/ISIS/ISIL)³, por esta ser a organização mais bem estruturada e poderosa na atualidade.

Experiências anteriores indicam que eventos esportivos dessa magnitude representam alvos de alto valor para organizações terroristas, em face da publicidade instantânea e da escala global que estas competições proporcionam.

¹ Este artigo é uma atualização, produzida pelo próprio autor, de “A relação simbiótica entre mídia, terrorismo e grandes eventos esportivos”, publicado na *Revista Marítima Brasileira*, 2º trimestre de 2012, Vol. 132 nº 04/06, p. 171-187. Artigo concluído em 26 de setembro de 2015.

² Para atingir o propósito deste artigo, considera-se que o termo *mídia* refere-se a todos os meios ou canais de informação, enquanto que o termo *mídia de massa* representa as emissoras de televisão, rádio e jornais (impressos ou digitais).

³ *Islamic State of Iraq and Syria/Islamic State of Iraq and the Levant*.

No período de 05 a 21 de agosto de 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediará a 31ª edição dos Jogos Olímpicos. Espera-se a presença de 10.500 atletas de 206 países, 3 mil oficiais de delegações estrangeiras, 7,5 milhões de espectadores em seus 32 locais de competições e 25.000 jornalistas de todo o mundo. Portanto, em face da magnitude deste evento, verifica-se que uma das preocupações centrais das autoridades brasileiras está relacionada à segurança durante todo o período desta competição.

START National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism

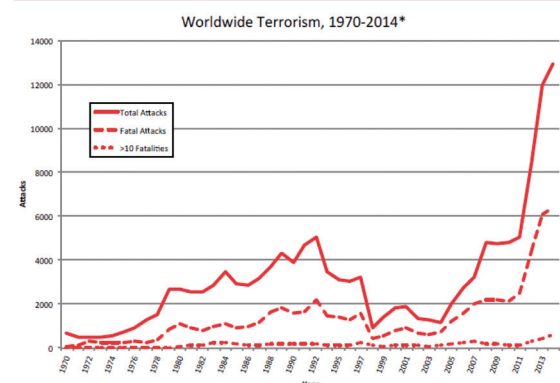


Figura 1: Ataques terroristas no mundo no período de 1970-2014
Fonte: START (2015)

Apesar de tal índice não ter sido amplamente divulgado na mídia brasileira, somente no ano de 2013, o terrorismo fez mais de 22.000 vítimas, em pouco mais de 11.500 ataques. Entre 01 de janeiro e 30 de setembro de 2014, houve aproximadamente 13.000 ataques terroristas e mais de 31.000 pessoas perderam suas vidas em todo mundo (START, 2015).

Entre as organizações terroristas mais letais do mundo, destacam-se: Estado Islâmico (EI/ISIS/ISIL), Boko Haram, Taliban, Al-Shabaab, Al Qaeda da Península Árabe, Tehriki-Taliban do Paquistão e Jabhat al-Nusra. Destaca-se que, entre 2012 e 2014, somente o Estado Islâmico foi responsável por mais ataques do que qualquer outra organização terrorista, incluindo todos os Movimentos Associados à Al Qaeda (AQAM – *Al Qaeda and Affiliated Movements*), conforme se observa no gráfico a seguir.

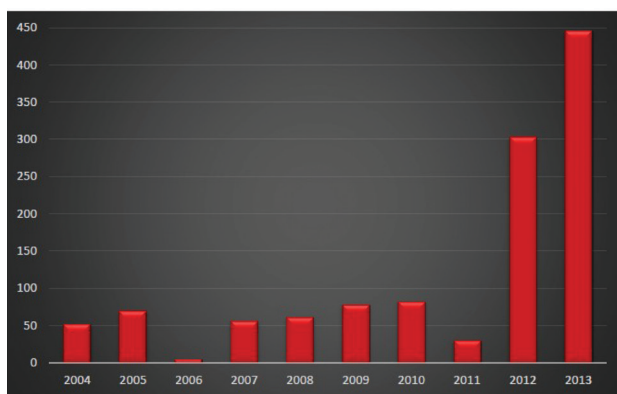


Figura 2: Ataques perpetrados pelo Estado Islâmico no período entre 2004-2013
Fonte: START (2014)

Embora a base de dados do *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism* (START, 2015) indique que aproximadamente 50% dos ataques terroristas e 47% das vítimas fatais nos primeiros nove meses de 2014 ocorreram somente em três países (Irão, Paquistão e Afeganistão), estima-se que o EI/ISIS/ISIL tenha mais de 25.000 Combatentes Estrangeiros (*Foreign Fighters*), oriundos de mais de 100 países⁴, sendo este fato considerado a maior preocupação da comunidade internacional, tendo em vista a capacidade da organização de realizar ataques em qualquer parte do globo, como presenciado recentemente na Bélgica, Canadá, Austrália, França e Tunísia.

Neste contexto, nota-se que a tecnologia de transmissão de informações e imagens por satélite, a internet e a presença da televisão em praticamente todas as camadas da sociedade contribuíram para aumentar o potencial de publicidade do terrorismo. A transmissão das imagens, em tempo simultâneo, dos atentados de 11 de setembro de 2001, sem dúvida alguma, abriram um novo capítulo na história da humanidade, marcando de forma contundente este tipo de terrorismo de caráter espetacular, com ações de proporções globais, expresso sob múltiplas formas, meios e métodos de ataque e nutrido por motivações políticas, étnicas e religiosas, as quais foram potencializadas em seus efeitos simbólicos pelos meios de comunicação.

O terrorismo surge neste início de século, portanto, como um dos fenômenos políticos de maior impacto à segurança internacional e à paz mundial, em função não apenas de sua letalidade, mas também

⁴ Relatório do Conselho de Segurança da ONU, datado de 19 de maio de 2015.

pela natureza comunicacional de suas ações, tendo a capacidade de tornar qualquer pessoa um alvo em potencial e disseminando, desta forma, a intimidação coletiva. Possui ainda como característica marcante a seletividade de alvos, com ações programadas e sincronizadas, de forma a surpreender e aterrorizar a população pela exploração dos meios de comunicação, como observado nos ataques de 11 de setembro. O planejamento, por parte da *Al Qaeda*, da sequência daqueles ataques foi perfeito, pois permitiu que todas as redes de televisão atuassem como suas *parceiras* em sua estratégia de divulgação do espetáculo do terror e disseminação de insegurança na população (MELO NETO, 2002).

Um dos fatos observados no pós 11 de setembro foi a rediscussão sobre a responsabilidade dos meios de comunicação ao divulgar, em tempo real, as imagens de atentados terroristas, as quais, em última análise, contribuem para disseminar o sentimento de insegurança e vulnerabilidade, ampliando a própria motivação dos terroristas. Além disso, podem comprometer as ações de contraterrorismo, como ocorreu nos atentados dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, quando, de dentro do apartamento da equipe israelense sequestrada, os terroristas palestinos puderam acompanhar, pela televisão, a movimentação da polícia alemã.

Nesse sentido, o presente artigo aponta os seguintes questionamentos, de forma a contribuir para o fomento das discussões acerca das estratégias de prevenção em 2016: *Qual é a relação entre mídia e terrorismo? Quais são as discussões acadêmicas e práticas sobre qual deveria ser o papel da mídia como parceira do Estado na cobertura de grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos? O que é o Estado Islâmico e por que ele representa uma ameaça durante os Jogos Olímpicos no Brasil?*

Inicialmente, serão citados alguns dos maiores ataques terroristas já realizados em grandes eventos esportivos nos últimos anos, ressaltando-se o incidente durante os Jogos Olímpicos de Munique em 1972, de forma a exemplificar o interesse por parte de organizações terroristas em realizar seus ataques em eventos desta natureza, em face da publicidade que estas competições proporcionam. Posteriormente, será discutida a relação simbiótica entre as organizações terroristas e os meios de comunicação, particularmente, sobre os interesses mútuos na publicidade de seus ataques. Além disso, serão apresentadas algumas considerações acadêmicas e práticas sobre o que se considera ser uma postura responsável da mídia em grandes eventos esportivos. Por fim, serão feitas algumas considerações sobre a organização terrorista Estado Islâmico.

Principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos

Dentre os principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos noticiados pela revista *Time Magazine*⁵ e pela agência de notícias *Reuters*⁶, destacam-se os que, segundo este autor, tiveram maior repercussão na mídia: Jogos Olímpicos de Munique,

⁵ Para maiores informações sobre os 10 principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos, ver: <<http://www.time.com/time/specials/packages/completelist/0,29569,1882967,00.html>>.

⁶ Cronologia dos principais atentados da história do esporte: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2010/01/11/ult1859u2170.jhtm?action=print>>.

em 1972; Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996; partida de futebol em Madri, em 2002; Campeonato Mundial de Cricket no Paquistão, em 2002; maratona no Sri Lanka, em 2008; ataque à delegação de cricket do Sri Lanka, em 2009; ataque à seleção de futebol do Togo, em 2010; e o ataque durante a Maratona de Boston, em 2013.

Jogos Olímpicos de Munique:

| | |
|------------------------|---|
| Evento Esportivo | Jogos Olímpicos de Munique |
| Local e data | Munique, Alemanha – 05/09/1972 |
| Incidente | <p>No dia 05 de setembro de 1972, oito membros da organização terrorista <i>Setembro Negro</i> entraram na Vila Olímpica vestindo abrigos esportivos e deslocaram-se para os apartamentos da delegação israelense. Ao invadirem o primeiro apartamento, o árbitro de luta livre israelense Yossef Gutfreund tentou impedi-los, porém foi ferido, assim como o treinador Weinberg, baleado no rosto. Após invadirem o outro apartamento, o halterofilista Romano foi assassinado ao tentar render um membro do Setembro Negro.</p> <p>Os terroristas, de posse de nove reféns, iniciaram a exigência de libertação de 234 prisioneiros da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e de dois terroristas alemães (Baader e Meinhof).</p> <p>Na tarde deste dia, policiais alemães organizaram uma ação de resgate, vestindo uniformes de atletas. Contudo, os terroristas estavam acompanhando, ao vivo, a movimentação policial pela televisão e informaram que qualquer tentativa de invasão por parte da polícia resultaria na morte dos reféns.</p> <p>Os terroristas fizeram a exigência de um avião para serem levados para a capital do Egito, Cairo. Após graves erros de planejamento e execução da ação de retomada de reféns, os terroristas atiraram e detonaram uma granada, matando todos os nove reféns. Na ação, cinco terroristas e um policial foram mortos, e três terroristas foram presos.</p> |
| Organização Terrorista | Setembro Negro (<i>Black September</i>) |
| Meio empregado | Armas de Fogo e granada |
| Vítimas | 17 mortos e 02 feridos ⁷ |

Certamente, o atentado de 1972 foi, entre os ataques em eventos esportivos, o que teve maior repercussão na mídia internacional no século XX, sendo, inclusive, explorado pela indústria cinematográfica⁸. Estima-se que 900 milhões de pessoas assistiram, ao vivo, a ação da organização terrorista *Setembro Negro*, na Vila Olímpica. Nesse episódio, vale destacar que a primeira ação policial de resgate

⁷ Para acessar a base de dados do START, ver: <<http://www.start.umd.edu/start/>>.

⁸ *Munique*, de 2005, filme dirigido por Steven Spielberg.

foi frustrada, pelo fato dos terroristas estarem acompanhando a movimentação dos policiais, *em tempo real*, pela televisão. A sequência de eventos, especialmente nos últimos 15 anos, indica que existe uma constância de ataques estimulados pelo esporte e que, certamente, procuram obter os mesmos efeitos de repercussão da Olimpíada de 1972, apontando uma tendência a qual o Brasil não pode, obviamente, ignorar em face da próxima edição de 2016.



Figura 3: Terrorista encapuzado durante atentado nos Jogos Olímpicos de Munique, 1972

Fonte: Sítio DW (www.dw.com)

A simbiótica relação entre Mídia e Terrorismo

Inicialmente, é fundamental que seja definido o termo *terrorismo* para que haja um entendimento preciso sobre a discussão proposta. Para tanto, este autor vale-se da definição de terrorismo empregada por Whittaker (2005), a qual prevê que terrorismo é uma ação de “violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente **com a intenção de influenciar uma audiência**” (WHITTAKER, 2005, p. 18, grifo nosso).

Especialistas divergem quanto à postura e responsabilidade da mídia na cobertura de atentados terroristas. Na literatura internacional, há uma parcela significativa que acredita que a mídia contribui com o terrorismo, ao dar notoriedade e potencializar o impacto de seus atentados, além de contribuir para que o terrorista atinja seus propósitos, tais como demandas políticas, intimidação e propagação do medo no seio da sociedade. A mídia pode, ainda, como vimos, comprometer ações de contraterrorismo, além de pressionar governos na tomada de decisões em favor das demandas terroristas. Por outro lado, há aqueles que defendem que a mídia representa um obstáculo às organizações terroristas, pelo fato de terem a capacidade e os recursos necessários para mobilizar a opinião pública em um Estado democrático contra suas atividades.

Segundo Paul Wilkinson, em seu artigo *The Media and Terrorism: A Reassessment*, publicado em 1997, é inegável a relação simbiótica de interesses mútuos entre organizações terroristas e mídia. O primeiro quer dar publicidade e maximizar seus atos, legitimar e justificar suas atitudes, ideologia, motivação, angariar simpatizantes e colaboradores. A mídia, por sua vez, acredita que a cobertura de atentados terroristas fornece uma fonte quase inesgotável de notícias sensacionalistas, capaz de impulsionar sua audiência, como se observa nas palavras de Melo Neto (2002):

O terror, com seus atos espetaculares, busca fascinar as pessoas com seus cenários fabricados de tragédia. Seus estrategistas conhecem muito bem o fascínio que exercem os episódios trágicos na mente das pessoas. Com isso, tem como certa a ampla cobertura dos atentados porque estes são certa de uma elevada audiência nos meios de comunicação. Ao assim procederem, os estrategistas do terror utilizam a mídia como seu principal aliado na difusão de suas ações.

Por fim, Melo Neto (2002) conclui que a lógica do terrorismo em seu trato com a imprensa baseia-se nos seguintes pressupostos: criar catástrofes para gerar espaço; despertar polêmicas para colocar-se como tema central; mitificar o seu principal líder para dele fazer um dos principais produtos da mídia; criar novas expectativas de ataques para manter a imprensa sempre em estado de alerta; e fomentar um clima de guerra para despertar a atenção da mídia.

Um exemplo clássico trazido por Schmid (1989 apud WILKINSON, 1997) retrata esta relação simbiótica entre organizações terroristas e mídia de massa: o sequestro do voo 847 da TWA, em 1985. Neste acontecimento, os estudos de Schmid mostraram que a rede de televisão norte-americana NBC dedicou dois terços de toda a sua programação para dar publicidade ao sequestro do TWA 847 ao longo dos 17 dias de sequestro, o qual mantinha 39 cidadãos norte-americanos a bordo da aeronave. Esta exposição exagerada nos meios de comunicação fez com que o “preço” dos reféns norte-americanos subisse, em face da pressão popular para uma ação dos governos dos Estados Unidos da América (EUA) e de Israel na solução deste sequestro. Como resultado desta ação, houve a libertação dos 39 reféns em troca de nada menos que 756 presos *xiiitas*.

Em que pese o sucesso da libertação dos reféns, uma análise das consequências da influência exercida pela mídia na cobertura deste evento permite concluir que: houve uma exploração deliberada do cativo dos reféns; essa exposição aumentou o sofrimento das famílias das vítimas ao longo de todo o sequestro; a cobertura da mídia fez com que a organização terrorista atingisse seu propósito de libertar 756 radicais islâmicos, possivelmente ligados a grupos terroristas; pressionou-se o governo norte-americano a não cumprir sua política de “não negociação e não concessões” às demandas terroristas; e, como pior cenário, este sucesso alcançado, provavelmente, aumentou a probabilidade de que novos eventos dessa natureza se repetissem por esta ou outras organizações terroristas.

Responsabilidade da mídia em prol da segurança em Grandes Eventos Esportivos

Com base na discussão apresentada até aqui, inevitavelmente, surge o questionamento de qual deveria ser, então, o posicionamento da mídia frente ao terrorismo. A ética envolvida na divulgação de atos de terrorismo é repleta de controvérsias. Em tese, a responsabilidade de uma agência de notícias em uma democracia liberal é fornecer informação objetiva e imparcial, ou seja, não atuando em prol dos terroristas, tão pouco dos governos. Contudo, enquanto, para alguns críticos, a mídia tem o dever de informar e divulgar as cenas de horror; para outros, a mídia tem o dever apenas de informar. Diante deste impasse, partidários ou não da neutralidade e do compromisso ético da mídia de mostrar a realidade dos fatos dividiram-se em dois grupos: os “patriotas”, adeptos da censura imposta pelo governo à mídia de não mostrar as cenas de terror; e os “éticos”, que defendem a independência da mídia, cujo dever é mostrar as imagens reais e fazer análises imparciais (MELO NETO, 2002).

Neste debate, há na literatura moderna três opções políticas que governos poderiam adotar para impor ou não restrições aos meios de comunicação para a cobertura de atividades terroristas. São elas: *laissez-faire*, censura ou regulamentação legal, autorrestricção voluntária. Vamos a elas:



Figura 4: Imagens das execuções realizadas pelo Estado Islâmico
Fonte: Sítio IG (www.ig.com.br)

- **Laissez-faire:** essa política pressupõe que não deve haver restrições quanto à divulgação de imagens de atentados terroristas, permitindo-se, assim, que a mídia divulgue tudo aquilo que considere relevante para o seu público-alvo. Dessa forma, organizações terroristas irão, naturalmente, explorar os canais de comunicação para darem ampla cobertura aos seus atentados e às suas causas. Portanto, neste tipo de política de liberdade de imprensa, os meios de comunicação poderão, em última análise, favorecer e estimular ações terroristas pelo fato de estarem contribuindo para o sucesso de suas ações.
- **Censura ou regulamentação legal:** em face do poder de comunicação das mídias de massa, diversos países democráticos têm procurado negar o acesso direto de organizações terroristas aos meios de comunicação. Este posicionamento ficou evidenciado quando a então Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher proibiu, à época, que os meios de comunicação transmitissem entrevistas do braço político do IRA, o *Sinn Fein*, representado por Gerry Adams, de forma a não contribuir para o que ela denominou de “oxigênio de publicidade” proporcionado pelos meios de comunicação à causa terrorista. Esse posicionamento da Primeira-Ministra apenas contribuiu para este longo debate acerca da censura dos meios de comunicação, pois, acredita-se que, mesmo se tratando de terrorismo, a censura imposta por governos estaria destruindo uma das bases fundamentais da sociedade democrática — a liberdade de expressão.
- **Autorrestricção voluntária:** a melhor opção política que considero para as mídias responsáveis é a autorrestricção voluntária, pois permite que as próprias organizações estabeleçam diretrizes e regulamentos internos, de forma a orientar todos os seus funcionários a não serem manipulados e explorados por organizações terroristas. Desta forma, os jornalistas são instruídos a terem uma atitude consciente e a não proporcionarem uma plataforma de divulgação para a causa terrorista.

Segundo Wilkinson (1997), há inúmeras questões de ordem prática que a mídia pode estabelecer para contribuir contra o terrorismo. Dentre elas, destacam-se: (1) estimular o debate sobre as implicações sociais e políticas decorrentes do terrorismo, assim como o desenvolvimento de políticas públicas adequadas e eficientes de

anti/contraterrorismo; (2) divulgar de forma responsável as táticas empregadas por organizações terroristas; (3) estimular a vigilância por parte da população acerca de comportamentos de pessoas suspeitas e pacotes abandonados, por exemplo; e (4) trabalhar em conjunto com o governo na divulgação de possíveis ameaças e dos procedimentos a serem seguidos em caso de emergência.

Neste contexto, o Reino Unido, ao conceber a atualização de sua Estratégia de Contraterrorismo (CONTEST)⁹ em julho de 2011, visando aos Jogos Olímpicos de 2012, estabeleceu como prioridade a “comunicação” e a “parceria” com a sociedade civil – incluindo as emissoras de rádio e televisão – na prevenção e resposta a um atentado terrorista.

Basicamente, esta estratégia divulga para toda a população os quatro objetivos do contraterrorismo, conhecidos como 4P: *Prevent*, *Pursue*, *Protect* e *Prepare* (Prevenir, Perseguir, Proteger e Preparar). Vejamos, sumariamente, cada um deles: (1) **Prevenir (*Prevent*)**: Prevenir que indivíduos da sociedade sejam cooptados para se tornarem terroristas, apoiando a parcela da sociedade que esteja mais vulnerável a esse “recrutamento”; (2) **Perseguir (*Pursue*)**: Perseguir terroristas onde eles estiverem. Como esta atuação está diretamente ligada aos serviços de inteligência, um dos objetivos primários desta estratégia é o de aprimorar os recursos desses serviços, de forma a ampliar as chances de identificar, localizar e dismantelar atividades terroristas ainda em estágio inicial; (3) **Proteger (*Protect*)**: “Proteger o Reino Unido, fortalecendo nossas defesas contra o terrorismo”. Ou seja, busca-se a defesa da infraestrutura crítica do país, bem como a segurança das fronteiras e de lugares com grande concentração de pessoas. A estratégia prevê que uma das questões chave para proteger o país está centrada nas medidas de controle de acesso em suas fronteiras, evitando, desta forma, que terroristas consigam entrar no Reino Unido. Além disso, é essencial a defesa de locais com grande concentração de pessoas e de infraestrutura crítica, como os sistemas de transporte, emergência, energia, entre outros; (4) **Preparar (*Prepare*)**: estar preparado para responder a um ataque e para diminuir o seu impacto, incluindo os serviços de emergência em caso de ataque com armas de destruição em massa (nuclear, química, biológica e radiológica), assim como as autoridades públicas de defesa civil. O preparo visa a reforçar a capacidade de “sobrevivência” e “resistência” dos principais recursos do Estado e identificar os alvos em potencial e avaliar o seu impacto, a fim de atenuar as consequências de um ataque bem-sucedido. Para tanto, é necessário possuir um planejamento de comando e controle e recursos necessários para garantir a perfeita coordenação de todas as agências envolvidas nesse processo.

Uma interessante iniciativa realizada pelo governo britânico¹⁰ em conjunto com a sociedade civil é o projeto ARGUS, que tem a finalidade de orientar a sociedade em relação a como agir em caso de um incidente terrorista. Destinado a executivos, gerentes de estabelecimentos de grande concentração de pessoas como hotéis, museus, *shoppings*, boates, restaurantes, entre outros, este projeto, de grande interesse a meu ver para os preparativos das Olimpíadas de

⁹ Para acessar a Estratégia de Contraterrorismo: <<http://www.homeoffice.gov.uk/publications/counter-terrorism/counter-terrorism-strategy/contest-summary?view=Binary>>.

¹⁰ Promovido pelo *National Counter Terrorism Security Office* (NaCTSO).

2016, procura aumentar a consciência das pessoas acerca da ameaça do terrorismo, além de fornecer conselhos práticos de como a empresa pode prevenir, lidar e recuperar-se de um ataque. Portanto, uma estratégia eficiente de anti/contraterrorismo em uma sociedade democrática requer o estabelecimento de uma política pública adequada de comunicação com a população, a qual, necessariamente, utiliza o poder da mídia de massa como sua aliada.

Algumas considerações sobre o Estado Islâmico

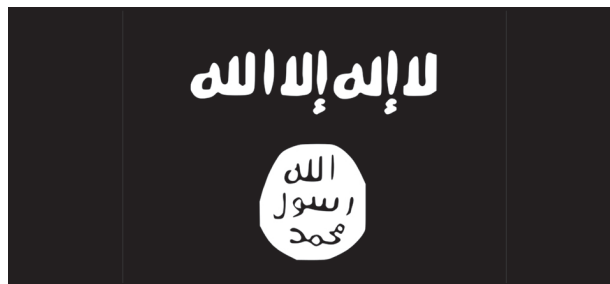


Figura 5: Bandeira do Estado Islâmico

Fonte: *University of California Santa Cruz* (<http://humweb.ucsc.edu>)

“O Estado Islâmico não é somente um grupo terrorista. É uma organização política e militar que possui uma interpretação radical do Islã como filosofia política e procura impor a sua visão pela força, da mesma maneira, a muçulmanos e não muçulmanos. **Foram expulsos pela Al Qaeda por serem demasiadamente violentos.** O Estado Islâmico afirma ser o governador legítimo dos muçulmanos sunitas em todo o planeta. A organização estabeleceu o que chamaram de Estado Islâmico, uma larga faixa de território na Síria e Iraque, governado de Raqqa, na Síria.”

Special Report – Islamic State. The Clarion Project, 2015
(Tradução nossa)

A organização conhecida atualmente como Estado Islâmico tem suas origens em 1999, como um grupo chamado *Jamaat al-Tahwid wa-i-Jihad* (JTJW). Fundada por Abu Musab al-Zarqawi, teve como propósito inicial alterar o regime político da Jordânia. Depois da invasão do Iraque por forças lideradas pelos EUA, Zarqawi passou a ser um dos grandes líderes insurgentes na região. Os objetivos da JTJW naquele momento eram: (1) expulsar as tropas da coalizão lideradas pelos norte-americanos do Iraque; (2) derrubar o governo interino do Iraque; (3) assassinar os colaboradores do regime de ocupação; (4) atacar a população *shia*; e (5) estabelecer um Estado Islâmico, impondo a *sharia*¹¹ (HASHIM, 2014).

Para atingir seus propósitos, JTJW empregou táticas consideravelmente diferentes dos outros grupos insurgentes que, basicamente, empregavam até então táticas de guerrilha baseadas no combate assimétrico, em ataques surpresas seguindo-se de uma rápida evasão (*hit-and-run*). Uma das diferenças mais marcantes foi caracterizada pelo emprego em larga escala dos ataques suicidas, tanto por meio de carros-bomba como por homens-bomba. Dentre os principais ataques realizados pelo JTJW à época, destaca-se o realizado contra as instalações da ONU em 2003, em Bagdá, que culminou na morte de 22 pessoas, incluindo o Representante-Especial do Secretário-Geral da ONU, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

¹¹ Governo baseado nas leis islâmicas.

Em 2004, o JTJ formalmente passou a ser uma das organizações terroristas afiliadas a Al-Qaeda, quando Zarqawi fez seu juramento de lealdade a Osama Bin Laden. A partir de então, o grupo passou a ser conhecido internacionalmente como Al Qaeda no Iraque (AQI). De acordo com o Relatório Especial sobre o Estado Islâmico do Clarion (2015), a AQI criou a sua própria *network* de seguidores durante a insurgência no Iraque. Neste sentido, embora estivesse tecnicamente subordinada a Al Qaeda de Bin Laden, na prática, a organização tinha autonomia independente e era capaz de desenvolver sua própria forma de *jihād*, notadamente mais violenta que as empregadas pela Al Qaeda Central.

Em julho de 2005, em face de suas táticas e *modus operandi* extremamente violentos, o que ocasionava um grande número de baixas entre os civis no Iraque, um dos mentores e líderes da Al-Qaeda Central, Abu Muhammed al-Maqdisi, apoiado por Ayman al-Zawahiri, segundo na escala de comando da Al Qaeda à época, chegou a declarar no *website* da organização que Zarqawi parasse de atacar a população civil, as igrejas e os *shias*. Estas diferenças criaram sérios desentendimentos entre as organizações, além de uma “geração de seguidores” ou alinhados a Osama Bin Laden (principalmente os que lutaram no Afeganistão) ou alinhados a Zarqawi¹² (notadamente os que lutaram no Iraque, como o atual líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi). Esta situação culminou na dissociação da Al Qaeda Central com esta organização em fevereiro de 2014, quando o líder daquela organização, Ayman al-Zawahiri, oficialmente, denunciou o ISIS/ISIL.

Em 2006, a AQI mudou seu nome para Estado Islâmico no Iraque (ISI), sob o comando de Abu Omar al-Baghdadi, sinalizando suas intenções de conquistar parte do território iraquiano para criar meios para estabelecer um Estado-base a fim de impor a *sharia* na região. Contudo, por agirem tão violentamente, aliado ao fato de não terem recursos e pessoal suficientes à época, a população local se revoltou contra a AQI, sendo seus membros expulsos de Fallujah e de Anbar por milícias locais (as quais foram treinadas por tropas norte-americanas). Já em 2010, Abu Bakr al-Baghdadi assume a liderança do ISI, sendo capaz de reconquistar o apoio popular que fora perdido por seus dois últimos antecessores¹³. De acordo com Hashim (2014), quatro fatores contribuíram para o refortalecimento do ISI entre 2010 e 2013: (1) reestruturação ideológica e organizacional do ISI, assim como de suas capacidades administrativas e militares; (2) a incapacidade administrativa do Estado Iraquiano, aliada ao conflito interno com a população sunita; (3) o enfraquecimento da Al-Qaeda sob a liderança de Ayman al-Zawahiri; (4) o início da Guerra Civil na Síria.

Desta forma, al-Baghdadi conseguiu articular os objetivos da organização na tentativa do estabelecimento do Estado Islâmico e/ou Califado e, em 2013, aproveitando a Guerra Civil na Síria, ensejou a expansão da *sharia* naquele território, renomeando a organização para Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS ou Estado Islâmico no Iraque e Levante – ISIL).

No final de 2013 e início de 2014, o ISIS foi capaz de construir e consolidar sua base na Síria, particularmente em Raqqa. Já no Iraque, em 2014, por meio de operações de choque e pavor (*shock and awe*), conseguiu controlar partes de Fallujah, Ramadi e Mosul, a segunda maior cidade do país, chocando todo o mundo. Com o sucesso alcançado em suas campanhas, a liderança do ISIS viu a oportunidade para a criação de um Estado Islâmico. Desta forma, em 29 de junho de 2014, o ISIS começou a se autodenominar *Estado Islâmico*, declarando o estabelecimento do “Califado Islâmico”, assim como designou Abu Bakr al-Baghdadi como Califá da região situada ao noroeste do Iraque e de parte da região central da Síria¹⁴, invocando, ainda, a imediata lealdade de todos os muçulmanos ao redor do mundo.

Estrutura organizacional do Estado Islâmico

Uma importante análise sobre a estrutura organizacional do Estado Islâmico foi realizada pelos especialistas do *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism* em 2014. Segundo eles, o Estado Islâmico apresenta uma estrutura extremamente organizada em relação a: (1) estrutura hierárquica; (2) cadeia de comando vertical; (3) divisão de tarefas específicas; (4) níveis de liderança bem definidos e com responsabilidades específicas; (5) centralização do planejamento na liderança/comando da organização; e (6) comunicações.

Desta forma, o Estado Islâmico é notadamente uma organização altamente hierarquizada, na qual al-Baghdadi nomeou líderes específicos para comandar as operações no Iraque e na Síria, assim como, um “gabinete consultivo” com sete integrantes, com a tarefa de se reportar diretamente a ele sobre todas as questões inerentes às suas áreas de responsabilidade. Além deste gabinete, al-Baghdadi nomeou 24 governadores para controlar as regiões sob o domínio da organização (12 na Síria e 12 no Iraque). Cada governador possui oito conselhos que são responsáveis por operações específicas: financiamento (a principal fonte de renda é venda ilegal de petróleo iraquiano); liderança (leis e políticas para a região); militar e de defesa; legal (policimento externo); operações de apoio; segurança (policimento interno); inteligência; e “**relações com a mídia**” (incluindo a **mídia social**). Em essência, como ressaltam os especialistas da START, a estrutura do EI é semelhante à de uma organização militar ou de um governo, com vários gabinetes, conselhos e outras subdivisões de acordo com as tarefas e regiões específicas que, trabalhando sob um comando único, são fundamentais para o sucesso da organização.

No que concerne especificamente às capacidades da organização em explorar o *cyberespaco*, ficou evidenciado que o EI possui em sua estrutura organizacional elementos altamente capacitados tecnicamente e que são dedicados exclusivamente a esta tarefa. Atualmente, a organização divulga sua “marca” em praticamente todos os tipos de mídias, em diversas línguas e com mensagens minuciosamente preparadas e direcionadas especificamente para atingir diferentes públicos-alvo.

Além disso, a organização explora o *cyberespaco* para recrutar simpatizantes, planejar a execução de ataques coordenados, empregando diversas plataformas tecnológicas e aplicativos (Firechat, Disapora, Ask.fm, Twitter, entre outros), o que a distingue das demais organizações *jihadistas*, que não possuem pes-

¹² Zarqawi foi morto em um ataque aéreo norte-americano em 2006.

¹³ Abu Ayyub al-Masri e Abu Omar al-Baghdadi; os dois foram mortos em 2010.

¹⁴ Uma área superior à do Reino Unido (WOOD, 2015).

soal neste nível de qualificação e experiência tecnológica e, desta forma, dependem basicamente dos meios de comunicação oficiais para divulgar suas atividades.

Exemplos da brutal violência da organização foram divulgadas ao mundo inteiro, ao serem publicados na internet filmes das decapitações dos jornalistas norte-americanos e de um agente humanitário britânico, da destruição de patrimônios da humanidade no Iraque e na Síria, de incineração de pessoas vivas, de afogamentos de homens em jaulas, etc. Em setembro de 2014, o porta-voz chefe do Estado Islâmico, Sheikh Abu Muhammad al-Adnani, solicitou que muçulmanos nos países ocidentais procurassem por inféis e “esmagassem suas cabeças com pedras”.

Os Combatentes Estrangeiros (*Foreign Fighters*) e o Brasil

Conforme mencionado, estima-se que o EI tenha mais de 25.000 combatentes estrangeiros, oriundos de mais de 100 países, sendo este fato considerado, atualmente, a maior preocupação da comunidade internacional. De acordo com o RSIS *report* (2014), esta questão tem duas implicações: (1) prevenção por parte dos Estados para que pessoas não viagem para se juntar a *jihad* no Iraque e na Síria, tendo em vista que este tipo de combatente constitui “oxigênio” para manter esta organização viva; (2) **a ameaça causada por estes combatentes ao retornar aos seus países de origem ou a um terceiro país, pois estes indivíduos e suas *networks* representam uma ameaça direta ou a longo prazo** (HASHIM, 2014; NAÇÕES UNIDAS, 2015, tradução nossa).

No início de setembro de 2015, um terrorista do EI declarou no “BuzzFeed” que aproximadamente 4.000 terroristas da organização teriam conseguido se infiltrar na Europa entre os refugiados da Síria que pedem asilo em diferentes nações europeias¹⁵, reforçando ainda mais a preocupação das autoridades nacionais. Neste sentido, os *Foreign Fighters*, por possuírem experiência e estarem altamente capacitados e motivados para perpetrar ataques, empregando as táticas, técnicas e procedimentos de *lone wolves* (lobos solitários)¹⁶, como observado nos ataques ao Charlie Hedbo na França, na Maratona de Boston, no Parlamento do Canadá, entre outros, poderiam, em tese, também estar planejando algum ataque terrorista durante os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em face das questões já apresentadas anteriormente.

No Brasil, a preocupação com o recrutamento de jovens pelo EI já foi veiculada na mídia nacional, a qual divulgou que “Relatórios de Inteligência indicam que grupo extremista tenta criar ‘lobos solitários’ no país para ataques; principal preocupação de autoridades é com a segurança da Olimpíada no Rio”. Segundo a reportagem, foram identificados 10 jovens convertidos ao Islamismo, fazendo o trabalho de convencimento dos refugiados sírios por meio das redes sociais (*O Estado de S. Paulo*, 21 de março de 2015)¹⁷. O fato é que esses *Foreign Fighters* estão em condições de propagar a motiva-

ção político-ideológica extremista da organização, recrutar e treinar simpatizantes para conduzir ataques em qualquer lugar do planeta.

Outros fatos recentes no Brasil reforçam ainda mais esta preocupação: (1) em 11 de março de 2015, o sítio que fornece informações sobre o transporte urbano de Curitiba foi supostamente *hackeado* pelo EI e por meio dele exibiram uma mensagem atribuída aos extremistas. Juntamente com a bandeira da organização, foi exibida uma mensagem em árabe e inglês: “nós estamos em todos os lugares”¹⁸; (2) no dia 04 de setembro, a Polícia Federal conduziu a “Operação Mendaz” em São Paulo, com o propósito de cumprir 18 mandados de busca e apreensão e investigar um grupo suspeito de movimentar ilegalmente mais de R\$ 50 milhões nos últimos cinco anos. De acordo com a reportagem da revista *Época*¹⁹, os investigados formavam uma célula especializada em lavagem de dinheiro, suspeita de apoiar o terrorismo do Estado Islâmico.

Diante do risco de ações de terrorismo durante as Olimpíadas, o Governo Federal anunciou, no dia 30 de julho de 2015, que criará o Centro Integrado de Enfrentamento ao Terrorismo (CIET), com participação do Ministério da Defesa (MD), Ministério da Justiça (MJ) e do Gabinete da Segurança Institucional (GSI). De acordo com o assessor especial para Grandes Eventos do MD, General Luiz Felipe Linhares, “até o fim do ano serão firmados protocolos que vão estabelecer a forma de atuação dos diversos setores da segurança pública e das Forças Armadas”, com o objetivo de permitir o trabalho integrado das equipes, estabelecer as competências de cada entidade, bem como a maneira como irão atuar²⁰.

Conclusão

A hipótese de uma ação terrorista durante os Jogos Olímpicos, particularmente por *Foreign Fighters* do Estado Islâmico, deve ser considerada como uma ameaça possível, em face da ampla cobertura que a mídia internacional dará a essas competições, já que um eventual ataque desta natureza terá repercussão mundial instantaneamente. Não há dúvidas, portanto, que a mídia ocupa um posicionamento central na estratégia das organizações terroristas por ocasião do planejamento de seus ataques, conforme evidenciado nas palavras de Laqueur (1997 apud FERNÁNDEZ): “as organizações terroristas têm como alvo sociedades livres e democráticas, tendo em vista porque nelas a mídia é livre e, naturalmente, dá ampla cobertura aos atentados e às causas terroristas.”

Apesar de a mídia ser suscetível à manipulação e exploração de organizações terroristas, ela também é um valioso recurso estratégico do Estado na luta contra o terrorismo. Os governos podem, por exemplo, usar diferentes mídias para divulgar a sua política anti/contraterrorismo, sua determinação, seu potencial e sua eficiência para combater qualquer organização dessa natureza. Além disso, a

¹⁵ Disponível em: <<http://www.express.co.uk/news/world/555434/Islamic-State-ISIS-Smuggler-THOUSANDS-Extremists-into-Europe-Refugees>>.

¹⁶ Para aprofundar sobre o tema, ver: *Be Afraid, Be A little Afraid: The Threat of Terrorism from Western Foreign Fighters in Syria and Iraq*.

¹⁷ Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,governo-detecta-recrutamento-de-jovens-pelo-estado-islamico,1655354>>.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.whttp.g//awzwevt.ajodronaplo.cveoiri.ccoomm..brrr/mundo/site-de-curitiba-exibe-suposta-mensagem-doeiatktm6nz0kaxjw8fr04e8vjs>>.

¹⁹ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/09/policia-federal-descobre-rede-de-apoiadores-do-estado-islamico-em-sao-paulo.html>>.

²⁰ Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/16426-rio-2016-governo-criara-centro-de-enfrentamento-ao-terrorismo>>.

mídia também pode desempenhar uma função importante para ajudar a evitar atos terroristas e, em caso de ataques, minimizar o seu impacto da seguinte forma: advertir a população dos riscos e das ameaças iminentes; cooperar na educação do público, orientando-o a como identificar possíveis atividades terroristas; informar sobre as possíveis ameaças e métodos de ataques; informar como a população pode cooperar com as autoridades na prevenção do terrorismo e como proceder em caso de atentado; manter a população informada dos planos de emergência; atualizar o governo e o público sobre os acontecimentos no local do ataque; e contribuir, dentro da ética profissional e imparcialidade, para atenuar as consequências econômicas, políticas e sociais decorrentes de um ataque dessa natureza²¹.

No que concerne ao planejamento das medidas preventivas de segurança para os Jogos Olímpicos, é indispensável que sejam identificadas as *vulnerabilidades críticas*, isto é, os pontos fracos por meio dos quais o país pode ser facilmente ameaçado. Será a partir da identificação dessas “vulnerabilidades” que se tornará possível definir os meios necessários para diminuí-las/eliminá-las. No contexto dos Jogos Olímpicos, tais vulnerabilidades são imensas, pois envolvem competições em 34 locais diferentes, hospedagem de delegações oficiais descentralizadas, inúmeros deslocamentos para locais de treinamento e competição, além dos alvos tradicionais como pontos turísticos, aeroportos, estações de transporte público, entre outros.

Nesse aspecto, este autor acredita que haja uma elevação do nível de risco de ataques terroristas a partir deste ano no Brasil, principalmente quando se considera a hipótese de atos terroristas, seja pelos *Foreign Fighters* do Estado Islâmico, seja por qualquer outra organização terrorista (particularmente *Hamas*, *Hezbollah* e *Al Gama'at Al*

²¹ Informações retiradas do módulo de ensino do curso *Terrorism Studies* da *St. Andrew's University*.

Islamyya por suas presenças na região da Tríplice Fronteira²²) contra os seguintes alvos: embaixadas, empresas multinacionais ou delegações oficiais estrangeiras. Desta forma, esforços devem ser envidados nas ações de inteligência, no controle de fronteiras, entre outras, de forma a se evitar a entrada de terroristas em solo nacional, assim como, atenção especial às ações para minimizar o risco de recrutamento de jovens para lutar a favor das ideias islâmicas extremistas.

Em face do exposto, é desejável que haja uma eficiente estratégia de anti/contraterrorismo que contemple os esforços de todos os seguimentos do governo e da sociedade civil, incluindo os veículos de comunicação, haja vista que o terrorismo global é uma realidade.

No que concerne especificamente à responsabilidade da mídia, a autorrestrrição voluntária dos meios de comunicação é a melhor opção no combate ao terrorismo em sociedades livres e democráticas. Contudo, para que haja uma cobertura responsável por ocasião dos Jogos Olímpicos de 2016, este autor acredita ser fundamental que haja diretrizes claras de autorrestrrição em caso de incidentes terroristas, algo que precisa ser rapidamente acordado entre as grandes empresas de telecomunicação credenciadas e pela mídia oficial de transmissão dos eventos. Além disso, é necessário que haja uma solução de compromisso entre o direito da população em ter acesso à informação e a segurança e privacidade das vítimas. Ou seja, os meios de comunicação devem entender que a parceria com o Estado irá prevenir ou minorar os efeitos de atentados terroristas, e não restringir sua liberdade de expressão.

²² Agências internacionais de segurança e inteligência relatam que há uma atividade islâmica radical na América do Sul intimamente ligada ao tráfico de drogas e ao tráfico de armas, particularmente na região da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Referências

FERNÁNDEZ, Luciana M. **Hiperterrorismo e mídia: o terrorismo no processo de comunicação política**. São Paulo: ECA/USP, 2005.

FRIEDLAND, Elliot. **The Islamic State**. The Clarion Project. Maio, 2015. Disponível em: <<https://www.clarionproject.org/sites/default/files/islamic-state-isis-isis-factsheet-1.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

HASHIM, Ahmed. **From Al-Qaida affiliate to the rise of the Islamic Caliphate: The evolution of the Islamic State of Iraq and Syria (ISIS). Policy Report**. Institute of Defence and Strategic Studies. Singapura. Dezembro, 2014. Disponível em: <http://www.rsis.edu.sg/wp-content/uploads/2014/12/PR141212_The_Evolution_of_ISIS.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 1999.

_____. **A History of Terrorism**. 3. ed. New Jersey: Transaction Publishers, 2002.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Marketing do Terror**. São Paulo: Contexto, 2002.

NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. **[Analysis and recommendations with regard to the global threat from foreign terrorist fighters]**. [S.I.], 2015.

NACOS, Brigitte L. **Mass-Mediated Terrorism: The central role of the media in terrorism and counterterrorism**. Maryland, 2002.

SIMIONI, Alexandre A. C. A relação simbiótica entre mídia, terrorismo e

grandes eventos esportivos. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 132, n 04/06, p. 171-187, 2012.

START. **The Evolution of the Islamic State of Iraq and the Levant (ISIL): Relationships 2004 – 2014. Fact Sheet, June 2014**. Disponível em: <www.start.umd.edu/gtd>. Acesso em: 02 set. 2015.

_____. **The Islamic State of Iraq and the Levant: Branding, Leadership Culture and Lethal Attraction**. Novembro, 2014. Disponível em: <www.start.umd.edu/gtd>. Acesso em: 02 set. 2015.

_____. **House Armed Services Committee Hearing “What is the State of Islamic Extremism: Key Trends, Challenges and Implications for U.S. Policy”**. Disponível em: <www.start.umd.edu/gtd>. Acesso em: 02 set. 2015.

TIME. **Top 10 Worst Sport Terrorism Attacks**. Disponível em: <http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1882967_1882966_1882948,00.html>. Acesso em: 20 mar. 2012.

WHITTAKER, David J. (Org). **Terrorismo: um retrato**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

WILKINSON, Paul. **The Media and Terrorism: A Reassessment**. *Terrorism and Political Violence*, Vol.9, n. 2. Frank Cass. London, 1997.

WOOD, Graeme. **What ISIS really wants**. *The Atlantic*. 2015. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2015/03/what-isis-really-wants/384980/>>. Acesso em: 09 set. 2015.